

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ELIAS PAIM MOTA

**ADULTO JOVEM, MADURO E IDOSO: TRÊS SUJEITOS
QUE SE DISSOCIAM OU SE COMPLETAM**

CAMPINAS

2009

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**ADULTO JOVEM, MADURO E IDOSO: TRÊS SUJEITOS
QUE SE DISSOCIAM OU SE COMPLETAM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para o curso de Especialização em Educação de Jovens e Adultos da Faculdade de Educação – UNICAMP sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Sonia Giubilei

Aluno: Elias Paim Mota

Data:

Assinatura: _____

Orientadora

© by Elias Paim Mota, 2009.

**Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**
Bibliotecária: Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

M856a	Mota, Elias Paim O adulto jovem, maduro e idoso : três educandos que se completam ou dissociam / Elias Paim Mota. -- Campinas, SP : [s.n.], 2009. Orientador : Sônia Giubilei. Trabalho de conclusão de curso (especialização em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 1. Memória. 2. Conflito. 3. Solidariedade. 4. Conhecimento. 5. Educação de jovens e adultos. I. Giubilei, Sônia. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.
	09-295-BFE

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, por me inspirar e dar condições para que eu vivencie e realize sonhos.

Agradeço a minha amada esposa Rosangela Silveira Mota pelo amor, companheirismo e dedicação durante todos os momentos.

Agradeço à Professora Orientadora Dra. Sonia Giubilei pela paciência, carinho, e todo o conhecimento que ela me transmitiu durante todo o curso.

Agradeço ao Professor MSC. Romildo pela sua amizade, solidariedade e principalmente pela humildade no trato com seus educandos.

Agradeço à minha irmã Eliza Paim Mota e também à minha mãe Faustina Paim Mota por cuidarem dos meus filhos durante todo o curso.

Agradeço também ao meu sogro Haley da Silveira por ser fonte de inspiração no que se refere à amorosidade e solidariedade.

Agradeço aos meus filhos Henrique e Beatriz pelo simples fato de existirem e assim me fazerem um homem amoroso e feliz

DEDICATÓRIA

Aos meus pais Julio Mota(in memorian) e Faustina Paim Mota, que foram meus primeiros educadores, e que ensinaram os caminhos das justiça, da verdade, do amor e da felicidade.

Não há educação sem amor. O amor implica luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar. Não ha educação imposta, como não há amor imposto. Quem não ama não compreende o próximo, não o respeito.

(Paulo Freire,1983)

RESUMO

Essa pesquisa foi elaborada com o objetivo de identificar como se processam as relações entre adultos jovens, maduros e idosos. No primeiro momento, foi feita uma caracterização dos sujeitos desta pesquisa. Posteriormente foram selecionados quatro aspectos considerados essenciais para discutir a relação entre os sujeitos da pesquisa: amorosidade, conflito, solidariedade e, memória. A metodologia utilizada foi a qualitativa, a coleta de dados foi através de entrevista, envolvendo seis alunos de uma escola municipal da cidade de Campinas. Foram feitas perguntas relativas aos aspectos trabalhados podendo-se avaliar a importância que os mesmos têm para as relações que existem entre os sujeitos no ambiente escolar. Constatou-se que o amor é imprescindível na efetivação do trabalho do educador, que sem solidariedade o processo de ensino aprendizagem é empobrecido, pois as trocas entre educandos são de fundamental importância. Percebeu-se também que, embora existam muitos conflitos nessas relações, é possível saná-los através do diálogo amoroso do educador. Por fim a valorização da memória e do conhecimento que o indivíduo traz para a sala de aula como também a forma como registra em sua mente o que aprendeu no cotidiano escolar foram objeto de análise neste estudo.

Palavras chaves: Memória, Conflito, Solidariedade, Conhecimento, Educação de jovens e adultos.

SIGLAS E ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
FUMEC	Fundação Municipal para Educação Comunitária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
OMS	Organização Mundial da Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
Capítulo 1 – O EDUCANDO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)	11
1. O adulto jovem	11
2. O adulto maduro	12
3. Os idosos	13
Capítulo 2 – RELAÇÃO ENTRE ADULTO JOVEM, MADURO E IDOSO NO AMBIENTE ESCOLAR	16
1. Amorosidade	18
2. Conflito	19
3. Solidariedade	20
4. Memória	22
Capítulo 3 – OUVINDO AMOROSAMENTE OS ADULTOS	25
a) O que você faz para lembrar tudo o que foi dado pelo professor?	25
b) Como você percebe o tratamento que lhe é dado por seus amigos de outra idade?	29
c) Qual a dificuldade de relacionamento que você sente em estudar com as pessoas de outra idade?	31
d) Quando um colega sente dificuldade, qual é o seu procedimento?	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
BIBLIOGRAFIA	38

INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa o autor busca entender a relação que existe entre estes três sujeitos: o adulto jovem, maduro e idoso. Quer compreender a forma como eles vivenciam em sala de aula a amorosidade, a solidariedade, os conflitos e também suas memórias.

No primeiro capítulo o pesquisador caracteriza o adulto que, segundo Rosa (1994), abarca os quatro decênios compreendidos entre 20 e 60 anos. Juridicamente equivale à maioridade, que vive e atua na sociedade de forma responsável sem tutela de outros.

Para Flecha (1990), adulto é um ser em permanente evolução durante toda a sua vida, sendo capaz de propor mudanças e adequando-se na medida que estruturas sociais, familiares, emocionais, religiosas e outras, vão se constituindo na sua trajetória da sua adultez.

Segundo Villaneuva (1987), existem três períodos na adultez: o adulto jovem (entre 20 e 40 anos aproximadamente), o adulto maduro (40 a 60 anos aproximadamente), e o adulto idoso (acima dos 60 anos).

No segundo capítulo procurou-se fazer uma análise de quatro aspectos que julga-se muito importante nas relações entre os adultos. São eles: a amorosidade, a solidariedade, o conflito e a memória. Durante a análise, procurou-se apresentar a importância que cada um destes aspectos tem nas relações que existem na sala de aula, enfatizando os caminhos possíveis que os autores trabalhados nos indicam, e também a experiência do autor enquanto educador de EJA.

Já no terceiro capítulo foi feita uma pesquisa qualitativa que envolveu seis alunos, que responderam, através de entrevista, quatro perguntas sobre amorosidade, conflito, solidariedade e memória. Foi feita uma relação entre os aspectos teóricos utilizados no capítulo dois, e as respostas obtidas por meio de entrevistas. O resultado deste casamento entre teoria e prática foi algo de extrema beleza. Pois ouvir o que os alunos têm a dizer, seus anseios, suas práticas solidárias, suas atitudes cheias de amorosidade e também de conflitos, é algo que traz muita reflexão para a prática do educador. Neste capítulo também aparece a questão da aprendizagem e como a mesma vai se registrando em nossa memória.

Enfim, o leitor terá durante esta leitura, a oportunidade de conhecer uma experiência prazerosa e cheia de encantos. Também poderá avaliar os percalços e conflitos que existem na relação dos seres humanos que, segundo Freire (2002), estão em processo de construção.

CAPITULO 1

O EDUCANDO DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

1. O adulto jovem

O adulto jovem é aquele indivíduo que desempenha as funções normais e produtivas da sociedade e, segundo Rosa (1994) a vida adulta no Brasil começa aos 18 anos, quando por lei o rapaz é convocado para o serviço militar e já é reconhecido pela sociedade como ser capaz de produzir e assumir responsabilidades.

É durante este período, conforme Villanueva (1987), que a saúde física atinge o máximo, suas habilidades cognitivas começam a ter maior complexidade e normalmente decisões sobre relacionamentos são tomadas. Neste período também as escolhas profissionais começam a ser definidas e os relacionamentos começam a tomar uma forma mais séria, ocorre o desenvolvimento de amizades adultas, mais difíceis de serem mantidas, bem diferentes daquelas da adolescência, onde o grupo normalmente é fechado e dentro de uma mesma faixa etária.

Segundo Rosa (1994), também é normal experimentar muitas mudanças, inclusive com relação a interesses, valores e formas de organizar seus pensamentos. São estas mudanças na cabeça do jovem que acabam compondo seus conceitos, sua forma de se relacionar com a religião, sexo, família, e demais situações que vão surgindo na sua trajetória., especialmente aquelas que envolvam a recreatividade.

Para Rappoport (1986) casamento também nesta fase é algo de extrema importância, pois nessas relações com o cônjuge o adulto jovem passa a ter que aceitar e conviver com as diferenças, o que pode ocasionar uma evolução na sua forma de pensar, e de enxergar o mundo. Podemos até dizer como Vygostky (1998) que surge nesta troca uma possibilidade de zona de desenvolvimento proximal, ou seja, alguém mais experiente colaborando para a aprendizagem e o crescimento do outro.

É preciso também destacar a questão da paternidade e maternidade nesta fase, pois com a chegada dos filhos, muitos conflitos começam a se estabelecer, diferenças geradas pelo casal na educação dos filhos, ou mesmo os filhos podem reacender problemas que os pais tinham quando ainda eram crianças.

Erikson (1976) também faz uma avaliação sobre a crise psicossocial do adulto jovem, que consiste em alcançar o senso de intimidade com os outros adultos da mesma idade, principalmente com outro indivíduo do sexo oposto. Quando esta intimidade é alcançada e o indivíduo mostra que é capaz de compartilhar significativamente e o que ele é com o outro, ele pode se tornar um indivíduo socialmente bem ajustado. Se porém, ele não consegue essa intimidade, passará a experimentar o senso de isolamento e provavelmente será um indivíduo socialmente inadequado e improdutivo.

2 - O Adulto Maduro

É o período de vida que vai dos 40 aos 60 anos aproximadamente, e como todos os períodos, ele provoca também muitas mudanças, quer de ordem física e mental, como também aponta para o indivíduo uma visão diferenciada da existência.

Segundo Rosa (1994), podemos considerar duas filosofias quanto a esta idade: uns acham que devem fazer de tudo para se manter jovens e ativos, outros já acham que devem acomodar-se e procurar um estilo de vida mais descontraído e menos preocupado com as mudanças naturais.

É uma fase de onde a maturidade na maioria das vezes está presente, assumindo uma atitude mais realista da vida principalmente do modo como ele se vê a si mesmo, e do modo que idealmente ele gostaria de ser e do modo que ele pensa que os outros o percebem.

Para Flecha (1990) maturidade significa entender basicamente como a vida funciona, procurando avaliar condições internas e externas de cada ser, bem como a respeito dos seus ideais e objetivos na vida. Já Rosa (1994), diz que maturidade também implica na capacidade de lidar eficientemente com as complexidades e demandas da vida, em um tempo de transição, pois assim como passamos da infância para adolescência, a idade madura é a passagem da juventude para a meia idade, o que denota também que estamos caminhando em passos largos para a velhice.

Na visão de Rosa (1994) a fonte de autoestima para o homem maduro em nossa cultura, continua a ser a profissão, as realizações pessoais e a potência sexual. Para a mulher, a fonte de autoestima pode ser a atividade social comunitária ou a busca de um grau mais elevado de educação formal, o que é constante em nossas salas da Fundação Municipal de Educação Comunitária (FUMEC), pois são povoadas em sua maioria por mulheres com esse interesse.

A idade madura também é uma época de muitas realizações, apesar de encontrarmos na sociedade moderna um pensamento que se orienta por valores jovens, mas é de fato controlada pelo adulto maduro. É ele quem ocupa a maioria dos cargos em destaque em qualquer das classes sociais, inclusive influenciando a vida de muitos jovens. Normalmente são os adultos maduros que produzem a moda, que ditam o que vai acontecer na mídia, principalmente nas novelas que muito influenciam o comportamento do brasileiro, independente da sua idade.

Pode-se resumir, segundo Rosa (1990) que a idade da maturidade é onde o indivíduo ajusta-se às responsabilidades cívicas e sociais, procura estabelecer um padrão econômico que possa mantê-lo, tenta ajudar seus filhos a se tornarem adultos, procura desenvolver atividades de lazer próprias da idade, relacionando-se dentro de uma normalidade com seu cônjuge e procurando ajustar-se às mudanças naturais e fisiológicas desta idade.

3 - Os idosos

Em muitas culturas e civilizações, as pessoas idosas são vistas com muito respeito e veneração. Eles representam a experiência, o saber acumulado durante anos, a prudência e a reflexão.

Porém, segundo Bosi (1994) nossa sociedade moderna transformou essa condição, pois os afazeres e o ritmo acelerado da vida, marginalizam aqueles que têm dificuldades de acompanhá-los. É assim no trabalho, na família e até na escola, pois vivemos numa sociedade capitalista, onde a produção é muito valorizada, e as pessoas só têm valor se puderem exercer funções que contribuam economicamente para a sociedade.

A velhice é o último período da vida e implica um conjunto de situações de ordem biológica, física, psicológicas, econômicas e políticas, que fazem parte do cotidiano das pessoas.

Segundo Bosi (1994), os valores e educação específicos de cada geração contribuem para as dificuldades de adaptação do segmento mais velho da população ao novo contexto social, sobretudo nos grandes centros urbanos, onde as transformações são mais aceleradas.

Para Rosa (1994), os aspectos sociais da velhice são, portanto, determinados pela conjunção de diferentes fatores: os efeitos fisiológicos do envelhecimento; as experiências coletivas e os valores da geração mais velha, e a organização da sociedade, tal como é encontrada por essa geração ao envelhecer.

Os idosos no Brasil são 15,5 milhões de pessoas, 8,6% da população total, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no censo de 2000. O Instituto considera idosas as pessoas com 60 anos ou mais, mesmo limite de idade considerado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para países em desenvolvimento.

Em uma década, o número de idosos no Brasil cresceu 17%, em 1991, ele correspondia a 7,3% da população. Isto demonstra que o país está envelhecendo e precisa de políticas públicas para esta faixa tão desrespeitada da população.

A importância do idoso para o país não se resume à sua crescente participação na população. Segundo o censo 2000, 62,4% dos idosos e 37,6% das idosas, chefiam suas famílias, somando 8,9 milhões de pessoas, um número considerável e que tende a só aumentar com o passar dos anos. Todas estas informações servem para referendar a importância da contribuição do idoso a sua participação no desenvolvimento do país.

Segundo Rappoport (1986 p. 25), “ninguém deseja envelhecer, mas a única opção seria morrer jovem” e poucos estariam interessados em tal alternativa.

Em diversas culturas o envelhecer é um processo que envolve dor e questionamentos. Muitas pessoas entram em um verdadeiro processo de depressão e angústia, ao sentirem seu corpo perder paulatinamente a força da juventude.

Muitos evitam olhar continuamente no espelho, pois ao olharem visualizam marcas que o tempo foi registrando ao passar dos anos, marcas estas que não podem ser retiradas do corpo, porém podem, segundo Rodrigues (1996), ter uma conotação diferente quando encaradas com sabedoria e maturidade.

Gostaria neste momento de levantar algumas questões: porque envelhecer é um fato tão ameaçador ao ser humano? Como entender este medo que apavora a alma de tantas pessoas?

Podemos começar respondendo com alguns fatores psicossociais que, segundo Rodrigues (1996 p. 17), interferem no envelhecimento. São eles: “a perda da posição social, a pobreza, solidão, a aflição e angústia, a dependência e medos diversos”. São fatores que muito afligem a maioria dos idosos e quero tecer alguns comentários a respeito de cada um deles, pois são de suma importância para entendermos este período, a pobreza, que associada muitas vezes ao analfabetismo, dificulta a aprendizagem de novas habilidades. Este fato também limita o idoso de participar de eventos sociais que em sua maioria requer gastos, o que reflete a organização da sociedade capitalista que visa apenas o ter em detrimento do ser.

Muitos idosos acabam restringindo seu contato social à religião, participando de eventos em sua maioria religiosos, focando seus pensamentos em assuntos voltados para o

espiritual, deixando de lado o saber e as construções culturais elaboradas pela sociedade. Este distanciamento cria barreiras e até antagonismo entre a fé e o conhecimento.

Outro fator é a solidão, pois muitos idosos vão perdendo o contato com as pessoas do seu grupo e faixa etária, quer pela morte, quer pela questão geográfica. A questão da dependência também é algo que afeta muito os idosos, pois muitas vezes a limitação física, causadas por doenças, isolamento, depressão e falta de companhia. Existe também a questão do medo, questão esta que incomoda a alma de muitos idosos. Medos como, de depender de terceiros, da morte, da solidão e principalmente da perda do cônjuge e dos amigos.

Apesar do envelhecimento diminuir as condições físicas no que se refere a aprendizagem, sabemos que manter a mente ocupada com leituras e informações, pode retardar a deterioração da memória. Quanto mais o idoso exercita suas faculdades mentais, maior é a chance de ter um final de vida com maior qualidade.

É muito importante que o idoso mantenha uma atitude positiva durante este período da vida, pois assim ele poderá viver de forma mais tranqüila e terminará seus dias com a satisfação de manter-se íntegro e ativo na sociedade.

Segundo a teoria de Erickson (1976.p.53), “as alternativas típicas da fase final da vida, são integridade ou desespero” A integridade do eu asseguraria uma transição tranqüila, e a própria morte encarada com serenidade e senso de realização da vida. Por outro lado o desespero seria a marca daquele cuja vida se caracterizou pela dispersão e difusão de sua própria identidade. Seria a velhice amargurada.

Sabemos que o ideal seria envelhecer com criatividade. Para que isso aconteça pressupõe que o indivíduo permaneça com autonomia, podendo realizar atividades e tomar decisões de acordo com a sua consciência. É necessário que o mesmo continue usando a força do intelecto para fazer aquilo que lhe dá prazer em relação com o que é útil ao próximo.

CAPITULO II

RELAÇÃO ENTRE ADULTO JOVEM, MADURO E IDOSO NO AMBIENTE ESCOLAR

Neste capítulo irei abordar quatro aspectos que como pesquisador considero essenciais na relação entre adulto jovem, maduro e idoso.

Procurou-se abordar estes aspectos de forma sucinta, de maneira que o leitor possa entender e importância de cada um deles nas relações que se estabelecem em uma sala de aula.

O primeiro aspecto é o da amorosidade, conforme Freire (1983, p.29): “Não há educação sem amor”, para haver uma relação de aprendizagem que seja efetiva e construtiva é necessário que se tenha muito amor. Ensinar exige que este sentimento esteja presente nas relações educando e educando, e também nas relações educador e educando. Freire (2002, p.159) nos ensina sobre isso dizendo: “Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor, me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta, que não tenho medo de expressá-la”. Ou seja, o educador tem que trabalhar com a afetividade, sem medo de amar, expressar e estimular a amorosidade entre seus alunos.

Outro aspecto que será trabalhado é a questão da solidariedade. Segundo Freire (1987), devemos encontrar soluções junto com o povo, se solidarizando com o mesmo e assim transformando o ambiente escolar em um local de construção mútua de conhecimentos.

Segundo Piaget (1995) o indivíduo centrado em si mesmo, não é capaz de reconhecer o ponto de vista do outro, portanto é incapaz de resolver os conflitos que se apresentam com os demais. Não é possível ter uma convivência sem solidarizar-se com os demais. Sem criar vínculos que vão se solidificando com o passar do tempo.

Trabalhar-se-á também o conflito, um aspecto importante e que pode ser construtivo nas relações humanas. Em todas as relações existem conflitos, no casamento, nas amizades, nas famílias e, é lógico, também na sala de aula.

Em sala de aula, os conflitos são inerentes à própria natureza das atividades e, principalmente, da convivência diária. A escola é uma organização social. Conflitos sempre geram tensão que precisam ser administradas. Situações de conflito trazem sempre uma mensagem que nem sempre é entendida, por isso, o professor, deve tentar fazer a leitura do que está acontecendo. Freire (2002, p.75), trabalha em seu livro a **importância de saberes**

necessários a prática educativa, destacando que não é possível ser educador sem “aprender , com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes?”. Essa questão feita por Freire nos leva a pensar sobre a importância do conflito e suas consequências em sala de aula, principalmente na aceitação do outro.

O quarto e último aspecto é o da memória, que é a capacidade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. Em uma sala de aula, como trabalhamos com esta questão da memória? Como trabalhar com a memória de adultos jovens, maduros e idosos? Este é o desafio a ser abordado como quarto aspecto deste trabalho.

1 - Amorosidade

Qualquer prática pedagógica que se diz humanizadora requer amor, dedicação e muita paciência. Uma sala de aula é repleta de situações que demandam atitudes amorosas, principalmente quando esta sala de aula é composta por sujeitos com faixas etárias diferentes.

Assim a amorosidade é uma via pela qual o processo de ensino aprendizagem pode ser melhor efetivado. Os vínculos que podem ser estabelecidos pelo amor ao ser humano são riquíssimos. Freire (1983, p.29) nos diz:

O amor é uma tarefa do sujeito. É falso dizer que o amor não espera retribuições. O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro, como sujeito do seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.

Nesta sociedade há uma ânsia de impor-se aos demais numa espécie de chantagem de amor. Isto é uma distorção do amor. Quem ama o faz amando os defeitos e as qualidades do ser amado.

Ama-se na medida em que se busca comunicação, integração a partir da comunicação com os demais.

Não há educação sem amor. O amor implica na luta contra o egoísmo. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.

Nesta perspectiva freireana, vamos descobrindo o quanto a amorosidade influencia no trabalho pedagógico do professor, no seu cotidiano e nas suas concepções de aluno e de escola. A educação dialógica freireana apresenta uma união entre amor e solidariedade, entre educadores e educandos.

É preciso que o educando sinta que sua sala de aula é preparada para ter atitudes de amor que possam produzir entendimento e compreensão.

Podemos dizer que uma relação construtiva exige amorosidade. Este quesito não deve estar presente apenas na relação professor/educando, mais também entre educando/educando. Não estou falando do amor Eros ou aquele que une dois indivíduos apenas, mas do amor pelo

ser humano, um amor que ajuda e faz com que tenhamos comunhão de idéias e até os mesmos ideais em alguns momentos.

Sei que esta amorosidade percorre toda a obra freiriana, materializando-se no afeto e no compromisso com o outro, produzindo a solidariedade e a humildade. Freire (1987, p.92) nos diz: “Porque é um ato de coragem, nunca de medo, o amor é um compromisso com os homens. Onde quer que estejam estes oprimidos, o ato de amor está em comprometer-se com a sua causa”.

Segundo Barthes (1987) é na compreensão dessas concepções e sentimentos, tem-se a importância da linguagem em sua corporeidade de sentidos para além dos códigos lingüísticos.

Seria possível perceber este sentimento nos três sujeitos que são objetos deste capítulo? Será que o adulto jovem constituiria uma relação amorosa e de solidariedade com o idoso? Pode até haver situações onde esta situação aconteça, porém é algo muito raro. Ambos estão em posições muito distintas com relação à afetividade.

Enquanto o idoso é saudoso de suas lembranças, o adulto jovem está em uma perspectiva de construção e formação. No que se refere ao amor, o adulto jovem tem muita dificuldade de manifestá-lo em relação ao idoso, pois não tem paciência em ouvir, dar atenção. Já o adulto maduro que, segundo Rosa (1994), está caminhando para a velhice, tem mais tempo para ouvir e se relacionar amorosamente com o idoso. O mais velho acaba “adotando” o maduro como filho na sala de aula, já o maduro que tem muita carência paterna e materna, acaba aceitando e gostando muito desta situação. Segundo Freire (2002), está abertura ao diálogo que os seres humanos estabelecem, pode trazer libertação, mudança de atitudes e também transformação. O educador pode ser um agente de mudança na vida do indivíduo, porém as relações positivas que existem entre os educandos têm uma força grandiosa, uma energia capaz de gerar a união, solidariedade e convencimento de que a educação é um dos caminhos para a construção da cidadania.

Uma sala de aula deve estar constituída desta amorosidade sem a qual o educador jamais poderá efetivar um trabalho solidário, verdadeiro e libertador. Somos seres que precisam buscar sempre o amor, se humanizar, o que dá a vida humana um sentido mais biográfico do que biológico. Freire (1995, p. 104) diz que: “É como uma inteireza que operamos o mundo enquanto cientistas ou artistas, enquanto presenças imaginativas, críticas ou ingênuas”. É nesta inteireza que o amor deve ocupar um lugar especial. Sem ele a prática educativa se torna mecânica e pouco produtiva.

2 - Conflito

Como já afirmei ao introduzir o assunto no início deste capítulo, o conflito em sala de aula é algo inevitável. Onde houver seres humanos capazes de pensar e agir, haverá conflito. Normalmente o conflito nasce do choque de opiniões contrárias, são pensamentos que podem se estabelecer pelo diálogo dialógico e construtivo ou pela ameaça, coerção e imposição da autoridade física ou de qualquer outra ordem.

Para resolvermos ou mediar os conflitos em sala de aula, vamos precisar do diálogo. Segundo Freire (1987, p.80) “O diálogo, como encontro dos homens para a tarefa comum de saber agir, se rompe, se seus pólos (ou um deles) perdem a humildade.” Se o educador acha que pode resolver as situações conflituosas pela sua autoridade, ou capacidade de convencimento, ele perde a oportunidade valiosa de ouvir as partes envolvidas. Dialogar é a arte de compreender a pluralidade de opiniões e saber acordar entre as partes, de maneira que todos saiam ganhando.

Uma das definições para a palavra conflito é embate entre duas pessoas que lutam, são pareceres que conflitam e discordam entre si. Onde existe conflito, existe contestação, desejo de mudança que pode ocasionar transformação ou conservação da estrutura vigente.

Entre os seres humanos o tema em destaque sempre esteve presente e, segundo Freire (1995), é muito difícil encontrar homens e mulheres que possam entender a beleza das diferenças, que consigam aproveitar essas diferenças para crescer e fazer uma sociedade nova, onde todos possam ser incluídos.

A falta de compreensão pode gerar um caos, um despeito com os nossos semelhantes. São exatamente as nossas diferenças que podem nos aproximar, que podem mostrar os caminhos a serem trilhados por todos que participam do cotidiano pedagógico. Quando olho para uma sala de aula com adultos jovens, maduros e idosos, percebo a riqueza que tenho diante de mim, são sujeitos que trazem muitos conhecimentos para serem compartilhados e aprendidos por todos nós. Mas em determinados momentos as discussões começam, e nem sempre o educador consegue conter os ânimos. Normalmente o adulto jovem começa a ter posturas que irritam idosos e adultos maduros e isso leva os mesmos a discussões às vezes intermináveis e cansativas.

Segundo Bologna (2002), são muros que foram construídos pela nossa sociedade, situações que poderiam ser resolvidas através do diálogo, da paciência e da amorosidade, porém são consumidos pelo ódio, preconceito e a incompreensão.

Freire (1992) explica que tensões são de natureza divergente, surgem muitas vezes de acordo com a forma como se encaram os conflitos; a tensão a que se expõe por ser diferentes, nas relações democráticas em que se promovem.

Alguns idosos e adultos maduros muitas vezes desistem da escola por causa de algumas atitudes que os adultos jovens apresentam. Nem sempre o educador consegue apaziguar as situações, mesmo tentando mediar o conflito, algumas decisões são irreversíveis e normalmente são os adultos maduros e idosos que deixam os bancos escolares.

Mesmo assim cumpre ao educador diante dessas situações difíceis, não podemos deixar de buscar o que Freire (2002) chama de educação dialogal e ativa, voltada para a responsabilidade social e política, se caracterizando pela profundidade na interpretação dos problemas. Sei que o caminho para a harmonia entre adultos maduros, idosos e adultos jovens sempre passara por conflitos, nunca teremos homogeneidade entre estes sujeitos, pois são seres humanos, fatores principais para a existência de conflitos. O único caminho proposto aqui neste texto é o diálogo. Sem ele a educação entre estes sujeitos será pouco eficaz.

3 - Solidariedade

Pesquisando a etimologia da palavra solidariedade, encontramos sua origem no latim clássico, com a palavra sólidas, significando algo bastante compacto, bem construído, unificado em suas partes, demonstrando interdependência e inter-relação. Solidariedade é antes de tudo o conhecimento desta coesão, a consciência e a convicção

Para poder-se trabalhar de forma amorosa e com conflitos discutidos e aceitos, é preciso que exista solidariedade. Ninguém é uma ilha cercada de água por todos os lados, todos são seres que precisam reconhecer o valor do outro.

Os seres humanos precisam ter consciência da importância e do valor que tem, tanto para o seu grupo, quanto para a sociedade como um todo.

Segundo Vieira (1996) a solidariedade pode ter um caráter mecânico, obrigatório, com ações e atitudes que não são feitas apenas para demonstrar afetividade e sim para manter um funcionamento da família ou da sociedade. Para deixar mais claro podemos citar como exemplo de uma família, onde o homem trabalha e cuida de algumas responsabilidades e pagamentos e a mulher de outras. Apesar de não ser uma solidariedade que nasce em gestos de beleza e altruísmo, é muito comum entre nós, pois independente do papel que cada um desempenha, é necessário que haja cooperação.

Não é este tipo de solidariedade que estou procurando analisar, pois acredito na possibilidade da construção, do incentivo, do trabalho pedagógico que humaniza, e valoriza e promove a cidadania.

Para Freire (1997, p.46), o educador precisa “propiciar condições para que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiem a experiência profunda de assumir-se.” Um assumir-se que nos leva à dialogar, a compreender e a amar o ser humano como a nós mesmos. Sem medo de sentir raiva, alegria, dor, ódio e assim mesmo sonhar e sonhar com o impossível.

Solidarizar-se não é buscar o assistencialismo , pelo contrário, é criar vínculo, é partilhar virtudes e dispor-se muitas vezes de privilégios. É olhar para o outro desejando a ele o mesmo que eu desejo a mim. É criar algo sólido, resistente, algo que vai durar, vai criar raízes e caminhar na direção do afeto, do carinho e da importância que um ser humano tem para o outro. Estimular atos solidários em uma sala de aula com adultos jovens, maduros e idosos não é fácil. Normalmente o adulto maduro e idoso, conseguem uma relação solidária com mais facilidade, pois ambos vivenciam uma realidade culturalmente parecida e próxima.

Segundo Rosa (1994), o adulto maduro se identifica mais com o idoso, pois sua fase está mais próxima da velhice do que da juventude. Sendo assim, vamos encontrar atos de solidariedade com maior frequência entre estes dois sujeitos. Isto não significa que o estímulo do educador não possa funcionar, pelo contrário, a ação do professor é extremamente importante nas relações em sala de aula, pois ele é o exemplo no que se refere a qualquer demonstração de afetividade.

Para Norbeck (1981.p.211), o adulto deve ser tratado com respeito e de forma solidária, ele diz:

Como antes já frizei varias vezes, a coisa mais importante é reconhecer o adulto como adulto e tratá-lo como tal. {...} O comportamento do professor é muito importante. Nós devemos promover um sentimento de interacção entre iguais. Nós devemos mostrar claramente que o consideramos como um especialista no seu campo e que nós somos apenas especialistas em educação. Esta atitude vai também diminuir a competição social dentro de uma turma ou de um circulo de estudo. Devemos evitar que aquele que tem os factos ou a linguagem mais pobres desista por motivos de tensão social. Nós devemos ter cuidado em não mostrar respeito apenas pelas contribuições de um ou dois membros do grupo, mas pelas de todos.

Com essa contribuição valiosa de Norbeck, podemos também entender que o respeito ao aluno e a valorização do seu conhecimento pode gerar solidariedade. O professor pode incentivar no cotidiano escolar atitudes que possa unir adultos independentes da sua faixa

etária, atitudes estas que uma vez efetivadas podem trazer uma solidificação na afetividade das relações do grupo de educandos.

É claro que trabalhar solidariamente num grupo de adultos jovens, maduros e idosos é quase um sonho, Freire (1992, p.91) nos ensina a respeito de sonhos dizendo: “Não há mudança sem sonho, como não há sonho sem esperança”. Essa capacidade de sonhar acaba alimentando a possibilidade da transformação, da mudança de atitudes. Sonhar com uma sala onde a solidariedade seja uma prática normal e constante é o desejo de todos nós, educadores.

4 - Memória

Falar em memória é falar do passado, falar de coisas marcantes que encontram espaço para ficarem em nós. Segundo Bosi (1994), a memória é um trabalho sobre o tempo, sobre um período que vivemos, marcado pela cultura e também pelo indivíduo.

Memória e a faculdade de reter as idéias, impressões e conhecimentos adquiridos anteriormente. É a recordação que temos de momentos que de alguma forma marcaram nossa existência. Para o adulto jovem recordar é um processo tranquilo. Normalmente suas recordações são facilmente detalhadas a partir de um simples momento de questionamento.

Já no adulto maduro, segundo Ramim (2009), é possível preservar e até resgatar a memória perdida. Geralmente as lutas e embates do cotidiano do aluno maduro o impedem armazenar todas as informações necessárias atenção para uma boa aprendizagem. Para Alvarez (2004, p.75) “a capacidade para prestar atenção, processar informações simultâneas e acessar lembranças diminui entre os 40 e 50 anos”. A partir deste ponto de vista poderíamos entender que a aprendizagem do adulto no período da maturidade, é mais lento do que o adulto jovem, pois o mesmo não possui ainda esta perda.

Porém Norbeck (1981, p.202) nos mostra o seguinte:

O adulto pode aprender e aprender bem. Muitos investigadores, depois de terem analisado os resultados de vários factores tais como memória, compreensão verbal, raciocínio indutivo, etc, chegaram às seguintes conclusões: A capacidade de educação não diminui até aos 55/65 anos. Depois disso, ela diminui muito devagar.

A maior parte das pessoas mais idosas dificilmente acredita nisto. Tomam como exemplo a memória e sentem que ela se deteriora com a idade. A investigação não concorda com isto. Há indicações de que uma certa memória de começa a deteriorar devagar por volta dos 20 anos. Trata-se da memória mecânica, ou do tipo de memória que se usa par coisas que estão fora do nosso campo de experiência (caracteres chineses). Uma outra espécie de memória, a memória de contexto, que aprende coisas relacionadas com aquilo que já se sabe, parece ficar mais eficaz por volta dos 25 anos e mantém-se a este nível para além dos 60 anos.

Diante destas informações, podemos afirmar que uma pessoa idosa pode aprender e aprender muito bem, basta que a mesma mantenha uma atividade intelectual constante, que tenha condições para manter seu intelecto em constante produção.

Rosa (1994, p. 134), ensina a fórmula para envelhecer, com arte e criatividade, ele diz:

Envelhecer criativamente é uma verdadeira arte {...} O envelhecimento criativo pressupõe a a manutenção de uma identidade psicológica que permite ao individuo considerável autonomia funcional. É necessário também que a pessoa idosa mantenha um bom nível de saúde física e mental.

Em suas afirmações sobre a capacidade do idoso em aprender Norbeck (1981, p.203) vai mais longe e afirma que “dando-lhe um pouco mais de tempo, ele aprende e produz intelectualmente tão bem ou melhor que um jovem.”

Acredito que tanto Rosa como Norbeck, partilham do mesmo pensamento com relação à aprendizagem e a memória do idoso, basta que o mesmo tenha oportunidade e mantenha um bom nível de saúde física e mental, para que possa aprender o que lhe for ensinado.

Para Freire (2002, p 33) ensinar tem muito a ver com o respeito que deve ser dado ao conhecimento que os alunos trazem. Ele diz:

Por que não aproveitar a experiência que têm os alunos de viver em áreas da cidade descuidadas pelo poder público para discutir, por exemplo, a poluição dos riachos e dos córregos e os baixos níveis de bem-estar das populações, os lixões e os riscos que oferecem à saúde das gentes.”

Pode-se entender com estas informações aqui dadas por Freire, que um ensino que não parte da realidade dos educandos, não é eficaz. Muitas vezes o aluno idoso, jovem ou maduro, não aprende, porque o ensino que lhe é dado não tem nada a ver com a sua realidade. Às vezes o professor pode até ter boa intenção na sua proposta de aula, porém desconhecer a realidade dos alunos e deixar de adequar o conteúdo as mesmas, pode ser um fator preponderante para um fracasso na aprendizagem.

Para Bosi (1994, p. 413) ao falar de memória já traz também a conotação da lembrança, de fatos que ocorreram, de aprendizagens que ficaram armazenadas em nossa mente, ela diz de forma bem interessante:

Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva. Nossos deslocamentos alteram esse ponto de vista: pertencer a novos grupos nos faz evocar lembranças significativas para este presente e sob a luz explicativa que convém à ação atual. O que nos parece unidade é múltiplo. Para localizar uma lembrança não basta um fio de Ariadne; é preciso desenrolar fios de meadas diversas, pois ela é um ponto de encontro de vários caminhos, é um ponto complexo de convergência dos muitos planos do nosso passado.

Sabemos que a memória pode ser estimulada até pelos por cheiros principalmente quando estamos com fome e sentimos o aroma de uma comida em produção. Ela é estimulada também quando um fato presente que nos remete ao passado feliz ou doloroso. Enfim podemos trazer à tona tudo que nos marcou a partir de estímulos e ações que nos levam a rever aquele acontecimento.

Sabemos também que uma aprendizagem bem construída, proporciona condições para que outras construções também sejam feitas com sucesso, cabe ao educador tentar encontrar meios para tornar a aprendizagem mais efetiva, usando as experiências dos alunos e também exercendo sempre a capacidade de dialogar.

CAPITULO III

OUVINDO AMOROSAMENTE OS ADULTOS

A pesquisa de campo foi desenvolvida na cidade de Campinas, em uma das salas de EJA do ensino noturno da Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Benevenuto Figueiredo Torres no Jardim São José. A metodologia adotada foi a qualitativa, envolvendo seis adultos dos 28 aos 70 anos, dos quais quatro são mulheres e dois são homens. Os nomes identificados dos sujeitos são fictícios, resguardando a identidade de cada um. A pesquisa envolveu quatro questões respondidas por todos os alunos adultos, utilizando a técnica da entrevista. Os relatos feitos pelos alunos mostram os acontecimentos do cotidiano escolar.

Durante esta caminhada, busquei ouvir os relatos dos educandos. Os depoimentos aqui registrados estão impregnados de solidariedade, amorosidade, expondo conflitos e buscando na memória de cada um o conhecimento trabalhado em sala de aula, de forma que se possa perceber os encantos de um trabalho onde a afetividade está sempre presente. As questões feitas, foram as seguintes:

- a) O que você faz para lembrar tudo o que foi dado pelo professor?

A aluna Francisca (61 anos) deu um depoimento muito significativo não só da aprendizagem envolvendo a memória, quanto da atuação do professor. Diz ela “ que alembra as coisa que aprendeu pois não sabia nada e depois de velha aprendeu a ler. O senhor alembra como eu entrei aqui? Hoje estou muito mais feliz. Eu aprendo vendo figura, mais principalmente olhano as palavras e fazendo, porque se não nunca vai aprender. Se fica só olhano as figuras junto com as palavra a gente nunca aprendi. O único jeito de lembra é fazeno, que nem o senhor faiz, a gente aprende porque o professor ajuda, tem pacença e é muito bom.” Isto demonstra que aprender não tem idade, como diz Norbeck (1981, p.202)“O adulto pode aprender e aprender bem”, ele só precisa de condições ideais para que essa aprendizagem se realize. Também essa aluna aponta o caminho mais eficiente para o trabalho do professor , que é o caminho metodológico do ver e fazer.

Assim, o professor tem um papel significativo na criação do ambiente de trabalho, de respeito e afetividade, confirmando o depoimento de Francisca “Inclusive tava falano pro meu filhu que o senhor até quando vai falta liga pra gente ou pros vizinhos, pra gente não faze o

caminho da escola a toa. Isto é bondadi e nos ajuda na escola.” Esta forma de educar, como diz Freire (1983), não é possível sem amor, pois sem o mesmo a educação perde todo o seu sentido, toda a sua beleza.

Assim como Francisca, Renato (35 anos) também acredita que o ver e fazer é a melhor forma de aprender, quando diz “uma das forma de lembrá é o desenho junto com as palavra. O desenho com as letra de forma”. Ele ainda dá um exemplo: “quando tem a palavra vaca e a figura da palavra vaca, já era, qualquer um aprende”. E ainda mostra a sua felicidade em perceber que ali na escola estava o que procurava, quando fala sobre o momento em que chega na sala de aula: “quando eu entrei aqui e vi uma mesa e figuras e eu fiquei muito contente, disse pra mim mesmo: agora eu vou aprender muito, pois esse é o jeito certo”. Renato também fala de uma estratégia de aprendizagem já utilizada desde a Antiguidade: “óia professor, o meu jeito de aprendê o cê já sabe,. Eu gosto de escrevê uma palavra até aprendê e isso tem me ajudado muito”. Aqui, Renato refere-se a cópia como forma de aprender a escrever. Cagliari (1998, p. 299) confirma essa estratégia dizendo:

A cópia é o método mais antigo de aprendizagem da escrita e da leitura. [...] A cópia funciona como uma estratégia da aprendizagem da leitura e da escrita, mas não é a única nem a principal. A cópia é útil quando associada às demais explicações que o aprendiz precisa receber de quem conhece como o sistema de escrita funciona”.

Renato também fala da liberdade que o educador deve permitir aos seus educandos e como o educador deve agir em sala de aula respondendo a todas as perguntas que lhe são feitas, mostrando que conhece o assunto que está sendo discutido. Ele fala ainda de sua felicidade em ver que o professor corresponde as suas expectativas, dizendo: “to feliz porque ocê dexa a gente aprendê do jeito que a gente consegue. Não obriga todo mundo a fazê a mesma coisa. Responde tudo que a gente pergunta. Assim qualquer um aprendi”.

Já no depoimento de D. Olinda (70 anos) há um relato da influência das doenças na sua aprendizagem, quando conta que: “ eu estava aprendendo muito mais a danada da diabete tem me atrapaiado muito. Antes não tinha muito esquecimento. Hoje eu aprendo, mais está difiço pra enxergá, escrevê e acompanhá os colega, principalmente os mais novo. Òia professor, minha cabeça não ajuda muito. Minhas doença me prejudica muito. Esqueço tudo com facilidade”. Rosa (1994, p. 63) explica:

Especialmente durante a última parte da meia idade, portanto, quando a velhice se aproxima rapidamente, o homem sofre considerável declínio em seu vigor e capacidade de resistência física.

Com essa constatação pode-se afirmar que além da perda natural do vigor físico, a maioria dos alunos acima de 60 anos, tal como D. Olinda, sofrem de doenças que muito influenciam na sua forma de assimilar os conteúdos dados em sala de aula, o que faz com que o educador elabore atividades que contemplem suas necessidades e permitam que sua aprendizagem possa ser efetivada.

D. Olinda também faz uma relação entre ela e um jovem, como cada um aprende. Ela diz: “também acho que a gente vai lendo e guardando na memória. Quando vai chegando a idade tem imaginação e perturbação na cabeça. A gente esquece e imagina o que faz e esquece. Me lembro de tudo que já passou comigo no passado. Já um menino é como um raio, que grava tudo que passa na cabeça. Pessoas como eu, já é difiço. O senhor lembra do Jaider de 16 anos? Ele aprendeu bem rápido. Tudo o que o senhor falava ele aprendia. Era rápido. Uma cabeça que era uma beleza, mas era muito chato. Só tinha conversa boba”. Com esse relato, D. Olinda confirma o que diz Norbeck (1981, p. 203):

A nossa velocidade de reacção diminui a medida que avançamos em idade e isso afecta tanto os nossos movimentos como os nossos raciocínios. Isso significa que uma idade mais avançada reduz um pouco a quantidade, mas não a qualidade. Dando-lhe um pouco mais de tempo, ele aprende e produz intelectualmente tão bem ou melhor que um jovem.”

Apesar das diferenças que existem na aprendizagem entre adultos-jovens e idosos, o que importa é que ambos podem aprender, se lhe forem dadas as condições necessárias para esta aprendizagem. Afirmar que o idoso não aprende por ter uma idade avançada é ir contra as constatações feitas pelos autores aqui mencionados.

D. Olinda também mostra a importância da amorosidade na relação professor/aluno, quando fala: “as vezes essas palavras a gente esquece, só não esquece o carinho e a amizade que o senhor tem por nós. O senhor ajuda muito a gente a entendê as coisa, os acontecimento e as notícia.”

Percebe-se nessa fala, a importância do professor amoroso e comprometido com os seus educandos. Não é possível ensinar se não estiver impregnado de afetividade, como diz Freire (2002, p. 75):

Como ser educador, sobretudo com maior ou menor esforço, a conviver com os diferentes? Como ser educador, se não desenvolvo em mim a indispensável amorosidade aos educandos com quem me comprometo e ao próprio processo formador de que sou parte? Não posso desgostar do que faço sob pena de não fazê-lo bem. Desrespeitando como gente no desprezo a que é relegada a prática pedagógica não tenho porque desamá-la e aos educandos.”

O aluno Sérgio fala um pouco de como se aprende, lembrando que para aprender algo, não basta ir à escola. É preciso estudar em casa, relembrar aquilo que foi estudado em aula, procurar memorizar o que foi aprendido. Em seu relato diz: “para aprender tem que guardar na mente. Tem que se esforçá pra entrá na cuca. O que faço hoje, se eu não alembrá, como é que fica? Eu vou escrevendo hoje uma palavra nova, vou para casa e fico matutando naquela palavra até que ela fica na minha cabeça.” Cagliari (1998, p. 162) reafirma a importância dos hábitos de estudar, dizendo que “para o educador, durante a formação de seus alunos, mais importante do que os resultados é a formação de bons hábitos de estudo”. Sérgio fala também da importância que o estudo e o professor teve em sua vida e das mudanças que ocorreram. “Hoje eu já consigo juntar as letras e até ler muita coisa. Quando cheguei aqui, demorei pra aprendê. Lembra professor, que eu bebia muito? Agora, depois da gente conversá, deixei a mardita pinga e só quero saber das letra. Não sô de igreja, rezá e outras coisa. O meu negócio é trabaiá e estudá.” Esse depoimento mostra a importância do educador na vida do aluno, pois nos diálogos, educador e educando vão além dos assuntos relativos à escola. À medida que há confiança existe a possibilidade de transformação de conceitos em atitude.

É muito gratificante poder ouvir um relato que mostra na prática o que é feito em sala de aula. O aluno Sérgio diz: “quando eu ando na rua, eu vou tentando lê tudo o que aparece, praca de rua, ônibus. Tudo o que aparece na minha frente. Vou falar a verdade, eu entrei com o senhor, professor, e eu não sabia nada, hoje eu vô na cidade e faço a leitura de tudo que posso, até daqueles nome de bairro que tem nos ônibus, às vezes grande, mas eu leio devagar quando dá.”

É importante salientar também que a vontade de estudar ajuda na aprendizagem do educando adulto, pois quando existe disposição para assimilar os conteúdos, a construção dos saberes acontece naturalmente. Assim, “essas considerações mostram que, mais importante do que a idade, é a vontade do aluno de se alfabetizar.” (Cagliari, 1998, p. 107). Essa disposição pode ser observada no relato da aluna Vilma: “Tive muita vontade de aprendê. Tudo o que o professor ensina eu vou aprendeno. Minha cabeça fica cheia dos pobrema dos fio, mas eu to aprendeno muito e lembro de tudo o que o senhor já ensinou.”

Além das questões afetivas que muito colaboram para o desenvolvimento do trabalho pedagógico e da aprendizagem do aluno, há também a educação para a cidadania tal como relata Sérgio no que se refere ao abandono “da mardita pinga”.

Tem-se também, outro relato da aluna Clotilde: “Quando eu entrei aqui eu não sabia nada, hoje eu já sei escrever, posso até votá. Eu tinha vergonha quando as pessoas perguntavam se eu sabia escrever o meu nome inteiro. Eu aprendo só de olhá o professor falá.

Arreparo o que o senhor escreve e vou escreveno junto. Já to leno quase de tudo, aprendi escreveno as frase e tentando entendê as música, os texto e otras coisa que o senhor vai perguntano pra genti e nois vai escreveno.”

Sabe-se que educação pode influenciar diversos fatores da vida do aluno. Freire (1981, p.27) possibilita este entendimento dizendo que “ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão”. Ou seja, a libertação do ser humano, quebra as cadeias da vergonha, do medo e das impossibilidades da vida. Educar-se pode proporcionar realização de sonhos como relata Clotilde referindo-se à conquista das condições plenas para votar e utilizar a leitura e a escrita.

b) Como você percebe o tratamento que lhe é dado por seus amigos de outra idade?

O aluno Sérgio respondeu dizendo: “no relacionamento de sala de aula eu acredito que todas as idade tem pobrema, mais nós consegue resolvê conversano. Eu gosto muito das pessoa, tem que entendê o que passa no pensamento de cada um. Posso dizê que isso é amorosidade que o senhor fala tanto. Acho que tem ideia pra compreendê o otro. É assim que penso. Se eu to estudano junto com os otro é porque tenho amor ao otro.” Durante esse relato percebe-se a importância que Freire dá ao diálogo e ao amor na sala de aula. Quando educando e educador têm uma postura democrática a afetividade flui naturalmente, criando pontes e estabelecendo um ambiente facilitador da aprendizagem.

Já a aluna Olinda traz na sua memória um acontecimento marcante no ano de 2009, quando foi eleita a mãe do ano. Ela relata: “Eu nunca pensei que os colega de classe ia votar em mim. Tem otras mães que eu achava mió que eu. É tão bão podê vim pra escola e senti amor pelas pessoas, pelo professor que mais parece um fio nosso, um rapaz muito bão. O professor não tem vergonha de nós, leva a gente pros lugar e fica junto, e as veiz até abraça na frente de todo mundo. Isso é amor né? Eu só tenho alegria quando chego aqui. Fico pensando se será que o ano que vem, nós vamo nos uni de novo. Será que o professor vai ficá com a gente de novo? Professor, é importante ouvi que as pessoa gosta da gente e o senhor sempre diz isso.”

Percebe-se quanta riqueza existe neste depoimento da Olinda. Ela utiliza sua memória para lembrar de um momento muito importante vivido durante o ano, que foi feito no dia da comemoração do dia das mães.

Segundo Bosi (1994, p.55) ao relatar sobre lembranças ela diz:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, "tal como foi", e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista.

É assim que acontece com a maioria dos idosos, eles vão relembando e constituindo as imagens, nem sempre com a fidelidade de detalhes, porém cheias de afetividade e amor

Olinda tem uma história de vida muito difícil, pois teve que dar dois dos seus três filhos para uma vizinha cuidar, pois não tinha condições financeiras. Essa situação sempre incomodava Olinda e ela sempre chorava quando se falava a respeito do papel das mães na sociedade. Então resolvi que na semana do dia das mães todos escolheriam a mãe da classe, aquela que receberia o abraço de todos como nossa mãe. Olinda venceu a eleição e depois deste episódio, nunca mais chorou ou fez menção aos acontecimentos do passado, parece que aquela eleição curou a alma de Olinda. De acordo com Freire (1987, p.92), “o amor é um ato de coragem”, um ato que pode mudar conceitos e quebrar situações que aprisionam o ser humano. Foi através dos votos solidários e amorosos dos amigos que Olinda venceu com unanimidade aquela eleição, foram conceitos que mais uma vez se tornaram em atitudes beneficiando a todos que participaram do processo. Ela também relata a importância do educador.

Alguns alunos têm dificuldade para entender a amorosidade, pois muitas vezes não tiveram condições de vivenciá-la junto aos seus familiares, confirmado pelo aluno Renato “Eu vim pra cá sem sabê nada. Não entendo muito essa coisa de amor. Fui criado numa família de 20 irmãos. É difícil de falar desse assunto. O mais novo da minha idade me entende melhor. Nossos assunto bate.” Nesse depoimento percebe-se a dificuldade que o aluno demonstra possuir em relação aos mais velhos. Destaca que seu pensamento é mais próximo dos mais jovens

Clotilde (48 anos) dá seu depoimento falando sobre a dificuldade de integração entre jovens e velhos. Ela acredita que para amar é preciso respeitar, o que muitas vezes não acontece nessa relação tão conflitante. Bologna (2002) fala dos muros que existem entre jovens e adultos, mostrando que essa relação é muito conturbada e as vezes impossível de ser

resolvida. É o que podemos ver no relato de Clotilde: “O amor é algo muito difícil. Principalmente se tiver que amar os mais novo. Eles gostam de fazer umas brincadeira chata e muito sem graça. O professor fala e as vezes eles não obedece. Não dá pra conversá muita coisa com o mais novo. Na escola a gente faz amigas que acaba amando, ajudando. As pessoa mais velha é a minha paixão. Gosto muito do Sr. João, ele lembra meu pai. Ele é bondoso e tem boas história pra contar. Isso me ajuda muito. Ver que eles tão velho, doente e continua estudano. Acho que isso é amor. É essa amorosidade que o senhor tá falano. A minha nora que tá fazeno supletivo também, disse que a classe dela é um verdadeiro inferno, pois ela tem 21 ano e estuda numa escola estadual. Lá os adolescente falam muito que não gostam de estudá com os velho, fazem muita bagunça. Muitos jovem também reclamam dos mais velho e até desiste. Ela contou que não é apenas os adolescente que faiz bagunça. Tem muita gente de 20 e 30 ano que também não respeita professor e colega. Se não respeita, imagina se vai amar”.

Já Francisca (61 anos) demonstra uma maturidade e uma paciência com os mais jovens, além do desejo de amar independente do que os outros podem lhe oferecer. Ela diz: “O amor é uma coisa que tenho muito no meu coração. Eu sinto a Dona Olinda e o seu João como se fosse da família. A Clotilde, a Vilma, o Renato e a Luciana, é como se fosse meus filho ou irmão. Quando eu vejo as pessoa aqui da classe me dá uma alegria no coração. É pessoas maravilhosas. Assim é fácil amar. A gente se dá muito bem. Já o professor é como se fosse um filho.” Segundo Freire (2002, p. 127):

Não é falando aos outros de cima para baixo, sobretudo, como se fôssemos os portadores da verdade a ser transmitida aos demais, que aprendemos a escutar, mas é escutando que aprendemos a falar com eles. Somente quem escuta paciente e criticamente o outro, fala com ele mesmo que, em certas condições, precise falar à ele.

Diante desse registro pode-se perceber o quanto Francisca se encaixa no pensamento freireano, pois ela sabe escutar a ponto de entender e pacientemente acolher em seu coração, de forma amorosa, todos que estudam na sala, sem distinção de idade.

- c) Qual a dificuldade de relacionamento que você sente em estudar com as pessoas de outra idade?

Vilma (28 anos) destaca que “até tinha medo de um colega que desistiu. Ele falava de um jeito tão esquisito que eu até parei de vim por uns tempo na escola. Ele falava de revólver. Fiquei até com medo porque eu falei de uns pobrema com meu marido e ele falô que se eu

quisesse ele podia ajudá a resolvê. Não gosto de assunto triste. O Renato fala mais do que todo mundo, as vez eu perco a paciência, como o senhor já viu. Não gosto de ser zuada”.

Ela expõe o medo que muitas vezes pode ocorrer em uma sala de aula. Às vezes ser ameaçado pode trazer consequências para a aprendizagem daquele que sofre algum tipo de violência de ordem física ou verbal. Cabe ao professor perceber até que ponto seus alunos estão permitindo falas ou atitudes que possam chegar a ofensa. Para Freire (2002) a única forma de vencer a violência é buscar o diálogo, a sabedoria fraterna e amorosa, que pode vencer qualquer tipo de opressão e ameaça.

Já o Renato expõe em seu depoimento o poder que as palavras têm para machucar as pessoas. Ele diz: “a gente, professor, tem que sabê o que fala, porque as vez a gente machuca umas pessoa com as nossa palavra. Acho que isso é o que dá briga, mal-entendimento, fofoca. Também quando alguém fica rindo do outro, não é fácil não. As vez a gente que é mais novo qué falá e os mais véio manda a gente ficá quieto, também é ruim e dá pobrema. Dá pra evitá pobrema, se cada um respeita cada um. Também, professor, o jeito que fala com a gente, o tratamento que cada um dá pro otro é importante. Se fala uma coisa que fere, não dá vontade mais de vim. O mais véio também fere a gente olhano feio, mandano a gente calá a boca. As vez a gente tá cum vontade de perguntá e otros manda a gente ficá quieto”.

Esse aluno faz observações do cotidiano de uma sala de aula onde existem idades diferenciadas. Normalmente esses conflitos aqui relatados acontecem, e cabe ao professor fazer as intervenções necessárias para acalmar os ânimos. É papel do professor discutir, compartilhar e também dar responsabilidades aos alunos na condução desses conflitos. Todos devem assumir o seu papel, respeitando e criando condições para que a sala de aula se torne um ambiente possível de convivência.

O aluno Renato é sempre citado por todos os outros alunos que participaram das entrevistas, como alguém que fala demais e atrapalha todos os outros. Esse aluno tem dificuldade para ouvir e normalmente gosta muito de expressar suas opiniões sem considerar as dos outros. Mesmo nos momentos em que a atividade requer mais concentração e silêncio, o Renato não consegue calar-se, como reclama Francisca: “eu acho que há falta de amor e respeito. Sabe o Renato professor, ele tem hora que atrapalha. Fala toda hora, não deixa a gente pensar.”

Há também outras dificuldades, como a de Clotilde, que não gosta de se expressar em público, pois traz experiências negativas de sua passagem pela escola na infância e até mesmo em outras salas de aula da EJA. Afirma que: “conversinhas de um com o otro durante a explicação do professor atrapalha muito. Também não gosto que ficam pedino pra mim falá.

Não gosto de falá, professor. Sou assim, meio calada. Tem que respeitar o jeito que a gente é. Martinelli (em SISTO et. al., 2001, p. 115) esclarece:

Passar por uma situação de fracasso ou que coloque sua capacidade em dúvida pode gerar um desconforto e um sentimento de desvalorização, que uma vez prolongado pode gerar problemas mais sérios de adaptação de conduta, além de afetar de maneira intensa a confiança e o valor atribuído a si mesmo.

Em uma sala de aula muitos conflitos surgem por opiniões divergentes entre adultos jovens e os de mais idade. O idoso, por exemplo, não gosta de nenhum tipo de brincadeira feita pelos mais jovens. Qualquer tipo de manifestação que envolva música, piadinhas, risadinhas e de qualquer outra ordem, naturalmente deixa o idoso irritado. O adulto maduro normalmente procura conciliar essas demonstrações de irritação, porém em alguns momentos, o próprio aluno maduro perde a paciência com os mais jovens. Dificilmente ocorrem conflitos entre adultos maduros e idosos. Eles se respeitam e normalmente resolvem as diferenças através do diálogo. O idoso até procura dialogar com o jovem, porém o resultado dessas conversas, geralmente, é nulo, sem nenhum tipo de efetividade. Assim em alguns casos, acaba-se gerando uma evasão do idoso por causa desse relacionamento conturbado, como relata Olinda: “não gosto de muita conversinha. Nem que fique me olhando e dano risada, não sô palhaça. Essas coisa os mais novo gosta de fazê. Se não fosse o professor sê tão bonzinho a gente nem vinha na escola. Óia professor, é a fofoca que causa pobrema. O mais novo é fofoquero, fala demais, gosta de coisas que a gente não gosta. As veiz a gente tá prestano atenção e vem o mais novo e atrapaia conversano. Tem também as brincadera boba. Eles fica andano sem pará. Eles qué tomá água. Tem gente mais véia que também atrapaia. Fica contano os pobrema. Eu também conto os meu, mais tem gente que demora muito.”

Em seu depoimento Sérgio observa o quanto é importante levar a educação a sério, deixar de lado as coisas que atrapalham a convivência e partir para o que é importante. Reclamando também do Renato, ele diz: “Ô professor, o Renato leva as coisa só na brincadeira. Tinha que sê mais sério, entendeu? Se ele falasse menos, ele aprendia mais.”

d) Quando um colega sente dificuldade, qual é o seu procedimento?

O aluno Sérgio responde essa questão de forma bem interessante, pois ele relata que ama as pessoas e que gosta muito de ajudá-las inclusive dando conselhos e apontando direções. Ele diz: “Cara! Eu amo ajudá as pessoa. Se eu pudé ajudo mesmo. Sabe que eu até dô conselho, se ouví tudo bem, se não, fiz minha parte. Eu também gosto de aprendê, se

arguém sabe mais, eu quero que me ajude. O professor tá sempre fazendo isso.” Freire (2002) fala da escola como espaço solidário, onde educandos e educador devem manter uma atitude de constante troca de informações, de forma que, possam avaliar se o ambiente em que convivem é solidário ou autoritário. Cabe ao professor sempre avaliar-se nesse processo, pois muitos acabam centralizando as decisões e não permitem que os alunos possam emitir seus pensamentos.

No quesito solidariedade, Clotilde destaca que encontra este aspecto apenas com alunos da mesma idade ou mais velhos, pois os mais novos nem sempre são capazes de qualquer tipo de ajuda. Ela relata: “sempre os da minha idade, ou mais velho sempre me ajuda. Os mais novo é mais difícil.”

Já o Renato não consegue receber ajuda de ninguém. Ele relata que apenas o professor é capaz de ajudá-lo, pois considera que seu conhecimento é superior ao do outro. Porém, ele é capaz de ver uma atitude solidária em Francisca que fez um doce que ele queria muito comer. Isso para ele, é solidariedade. Ele diz: “ normalmente é o professor que ajuda, ninguém aqui consegue me ajudá. É difícil. Mas, na parte de amizade a Dona Francisca já fez até um doce que eu pedi. Fiquei muito feliz por isso.”

A aluna Francisca esclarece o quanto foi ajudada pelos alunos da sala nos momentos de extrema dificuldade financeira, pois muitos foram capazes de trazer alimentos para a sua cesta básica. Logicamente, as pessoas que mais participaram desse movimento solidário, foram os alunos maduros e os idosos, auxiliados pelo professor. Os jovens não participaram pois, afirmaram que não podiam contribuir com nenhum item requisitado. Diante disso ela relata: “ Se eu puder, eu ajudo, mais os mais novo não gostam de ajudar não. Eles só pensam neles. Acho que isso é da idade. Já fui ajudada aqui na classe. Pessoas que sabia da minha dificuldade e me deram arroz, feijão e até mistura.”

Em seus comentários Vilma declara que não precisa de nenhum tipo de ajuda dos colegas da classe. Essa atitude é típica do adulto jovem pois, o mesmo, desconsidera a importância dos mais velhos. No entanto, relata que já comprou artigos para ajudar pessoas da sala de aula que necessitavam. Ela relata: “Sempre que posso, ajudo. Mais já fui muito ajudada. Meus amigo são bom. Eu ajudei uma amiga da classe comprano uns bichinho que troxe. Agora nas minha tarefa é difícil quem me ajuda. Eu tô mais adiantada. Não tenho muito tempo de ficá oiano o otro não. Tenho minhas coisa pra fazê. Cada um tem que se virá pra fazê as atividade.”

Com esse comentário Vilma também mostra o quanto existe um individualismo acentuado no adulto jovem. Esse adulto procura apenas os seus interesses, dificilmente compartilha com os demais sua aprendizagem e suas necessidades.

Olinda apenas reforça o que já foi dito com relação aos problemas e conflitos que existem entre os mais jovens e os mais velhos, afirmando: “Eu ajudo. Mas quando eu preciso, nem sempre peço ajuda. O mais novo ri. Os mais véios sempre me ajudam. Os mais novo tá sempre com pressa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No trabalho como um todo procurou-se entender quem é o adulto e suas fases na sociedade, identificando fatores que considerados necessários para a compreensão do papel do adulto enquanto sujeito da sua própria história .

Foi feita uma abordagem teórica sobre os aspectos que podem influenciar as relações afetivas em sala de aula. Os escolhidos foram: amorosidade, conflito, solidariedade e memória. Para cada um destes itens foi-se tecendo comentários procurando mostrar o valor que eles tem para as relações que existem no cotidiano escolar. No tema amorosidade foi utilizado como marco deste sentimento o que Freire (1983, p.29) nos diz: “Não há educação sem amor”.

Nos relatos que foram feitos, muitos estão recheados da palavra amor, do sentimento de amorosidade que existe entre educando e educando, entre educador e educandos e educando e educador. Nos relatos de Francisca dizendo: “O amor é uma coisa que tenho muito em meu coração” e na continuidade do relato afirma que ama todas as pessoas da sala de aula, inclusive os mais novos que muitas vezes recebem críticas da maioria dos alunos idosos e maduros. Este é um relato impregnado de amor, cheio de esperança e também da crença no ser humano, de que o mesmo possa evoluir no contato com uma escola que lhe proporcione condições para isso.

Também pode ser destacado a importância do educador como alguém que deve ser capaz de gerir os conflitos em sala de aula, aproveitando as diferenças encontradas nos embates e propondo junto aos educandos formas para a solução destes problemas

Foi possível também observar a importância da memória, de como os alunos relatam o processo de aprendizagem do conteúdo dado em sala de aula. Foram muitos depoimentos, porém quero destacar a fala do aluno Sergio que diz “pra aprendê, tem que guardá na mente. Tem que se esforçá”, ele relata inclusive que agora quando sai na rua vai tentando ler o mundo, através das placas, embalagens, enfim tudo o que puder. Esse registro, mostra também que devemos preparar nossos alunos para fazer a leitura do mundo, da vida, das coisas que acontecem no cotidiano.

Percebe-se que a memória do aluno idoso não prejudica a sua aprendizagem, pelo contrário como diz Norbeck (1981, p. 203):

A nossa velocidade de reacção diminui a medida que avançamos em idade e isso afecta tanto os nossos movimentos como os nossos raciocínios. Isso significa que uma idade mais avançada reduz um pouco a quantidade, mas não a qualidade. Dando-lhe um pouco mais de tempo, ele aprende e produz intelectualmente tão bem ou melhor que um jovem.”

Cada um deve ter seu tempo respeitado de acordo com a, disposição e condição para aprender. Ninguém sabe tudo, todos nós temos dificuldade de compreender alguma coisa, pois somos seres em eterna construção.

Portanto, o educador precisa procurar estimular em sua sala de aula atitudes carregadas de solidariedade, amorosidade, procurando gerir os conflitos que aparecem e utilizando os mesmos para o crescimento e fortalecimento do grupo.

Outro aspecto que não pode faltar ao trabalho do educador é a questão do valor que se deve dar a memória. O educador amoroso precisa considerar o passado dos seus alunos, ouvir suas histórias e também avaliar se o conhecimento que ele está transmitindo é significativo para a aprendizagem de seu educando.

Considera-se que a relação entre adultos mais jovens e idosos será sempre cheia de conflitos, pois ambos estão em momentos diferentes, e possuem necessidades que requer um cuidado especial por parte educador, cabe a ele mediar estas situações para que o idoso possa permanecer na escola com motivação e o jovem da mesma forma.

Enfim, cabe a este educador amoroso, o papel de ter uma visão holística do seu aluno, precisa enxergá-lo de forma plena, completa, procurando dar ao mesmo uma educação de qualidade, de respeito e de muita motivação.

BIBLIOGRAFIA

ALVAREZ, Ana. **Deu Branco**. 2. São Paulo: Record, 2004.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Cultrix, 1987. .

BOLOGNA, José. E. **Diálogos Criativos: Domenico de Masi: Frei Betto/ Mediação e comentários José Ernesto Bologna**. – São Paulo: DeLeitura, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.

BRASIL. **Fundação Instituto de Geografia e Estatística - IBGE**, 2002, disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072002pidoso.shtm> acesso em 30 out. 2009

BRUNEL, Carmen. **Jovens cada vez mais jovens na educação de jovens e adultos**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o bá – bé – bi – bó- bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

ERIKSON, Erik H. **Infância e Sociedade**, 2. ed.. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

FLECHA, Ramon. **Educación de las personas adultas – propuestas para los años noventa**. Barcelona: El Roure Editorial. S.A – Colección Apertura, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**, 3.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

_____. **Pedagogia do Oprimido**.17. ed.Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da esperança**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1992.

_____. **A sombra desta mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995

_____.**Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2002.

FUCK, Irene. Terezinha. **Relato de uma experiência construtivista**, Petrópolis: Vozes, 1993

GIUBILEI, Sonia. **Trabalhando com adultos, formando professores**, 1993, 211 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

NORBECK, Johan. **Formas e métodos de educação de adultos**, 2. ed. Universidade do Minho, Projecto de educação de adultos, Braga, 1981.

PIAGET, Jean. **A Psicologia da Criança**, 14. ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1995.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre educação de adultos**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2001

RAMIM, Cathryn J. **Esculpido na Areia**. São Paulo: Objetiva, 2009.

RAPPOPORT, Leon. **La personalidad desde los 26 años hasta la ancianidad El adultos y el viejo**. Buenos Aires: Paidós, 1986.

RODRIGUES, Rosalina Aparecida Partezani. **Como cuidar dos idosos**. Campinas: Papirus, 1996 (Coleção Vivacidade)

ROSA, Merval. **Psicologia Evolutiva**. Petrópolis. Rio de Janeiro: Vozes, 1994

SCHEIBEL, Maria Fani, LEHENBANER, Silvana, (orgs). **Reflexões sobre a Educação de Jovens e Adultos**, Porto Alegre: Pallotti, 2006.

SISTO, Fermino Fernandes; BORUCHOVITCH, Evely; FINI, Lucila Diehl Tolaine; BRENELLI, Rosely Palermo & MARTINELLI, Selma de Cássia. **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico**. Petrópolis: Vozes, 2001.

STRECK, Danilo. REDIN, Euclides; ZILKOSKI, Jaime José.(orgs). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

VERNER, Coolie. BOOTH, Alan. **Educación de adultos**, Buenos Aires: Troquel, 1971.

VIEIRA, Evaldo. **Sociologia da Educação: reproduzir e transformar**. 3. ed. São Paulo: FTD, 1996

VILLANUEVA, Pillar. **La educación de adultos hoy. Necesidad y perspectiva de cambio**. Valencia: Promolibro, 1987.

VYGOTSKY, Lev. Semyonovich. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.